



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Instituto de Humanidades e Letras  
Curso de Bacharelado em Humanidades

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE BACHARELADO EM  
HUMANIDADES**

**OS DESAFIOS DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NO  
BACHARELADO EM HUMANIDADES DA UNILAB: UM ESTUDO  
DE CASO**

Jezabel Mitsa do Nascimento Gertrudes

Redenção – Ceará  
2014

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE BACHARELADO EM  
HUMANIDADES

JEZABEL MITSA DO NASCIMENTO GERTRUDES

OS DESAFIOS DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NO  
BACHARELADO EM HUMANIDADES DA UNILAB: UM ESTUDO  
DE CASO

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como um dos requisitos à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador(a): Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes.

Redenção – Ceará  
2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira  
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)  
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL  
Catalogação na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

G311d Gertrudes, Jezabel Mitsa do Nascimento.

Os desafios da prática interdisciplinar no bacharelado em humanidades da unilab: um estudo de caso. Jezabel Mitsa do Nascimento Gertrudes. / – Redenção, 2014.

46 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes.  
Inclui Figuras e Referências.

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. I. Título.

CDD 370.1

---

JEZABEL MITSA DO NASCIMENTO GERTRUDES

OS DESAFIOS DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NO BACHARELADO EM  
HUMANIDADES DA UNILAB: UM ESTUDO DE CASO

Monografia submetida ao Curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Apresentada em: 12 /08/ 2014.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes (Orientadora)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

---

Prof. Dra. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos (1º Examinador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

---

Profa. Dra. Rodrigo Ordine Graça (2ª Examinador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Ao meu querido tio João Bosco Gertrudes, em reconhecimento a todo o apoio que me tem dado.

Ao meu saudoso avô, Manuel António Gertrudes, que me ensinou o que é família (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, ao meu bom Deus, pela misericórdia, oportunidade de estar aqui, fôlego de vida a cada amanhecer e sabedoria.

Aos meus pais, Maria de Fátima Nascimento Gertrudes e António Manuel Gertrudes. Minha formação como pessoa não poderia ter sido concretizada sem a ajuda de meus amáveis pais que, no decorrer da minha vida, proporcionaram-me, além de carinho e amor, os conhecimentos da integridade, da perseverança, do respeito ao próximo e de procurar sempre em Deus – a força maior para o meu desenvolvimento como ser humano. Por essa razão, gostaria de agradecer a vocês, por estarem presentes em mais essa etapa da minha vida, minha imensa gratidão e amor.

Aos meus irmãos, Absalão, Samuel e Ivanilda, por me apoiarem sempre – vocês são a minha motivação para seguir – amo-vos incondicionalmente.

Agradecimento especial ao meu tio João Bosco Gertrudes, por ter feito parte dessa etapa da minha vida e por me apoiar incondicionalmente.

À minha orientadora, Professora Dra. Léia Menezes, por ter aceitado o convite de ser minha orientadora, por ter feito parte dessa primeira etapa da carreira acadêmica que pretendo seguir, por ter-me feito apaixonar pela educação e pela arte de ser educador, arte essa que ela desempenha com tanto encanto e dedicação. Pela paciência na orientação, incentivo, competência, amizade, segurança nos momentos de desespero, pelos ensinamentos e suporte de todas as horas, que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A essa universidade – UNILAB – e ao seu corpo docente, por me proporcionar experiências maravilhosas durante o bacharelado.

Aos Professores Doutores Jeannette Ramos e Rodrigo Ordine, que gentilmente me concederam algumas bibliografias que foram importantes para a concretização desse trabalho e por terem aceitado o convite de contribuir ao aprimoramento deste trabalho.

A elas: Ailene Rosa e Carmen Ariana – minhas companheiras de todas as horas, eu não teria aguentado um dia sequer aqui, sem vocês.

A todos os meus amigos verdadeiros e colegas, que, de alguma forma, participaram ou participam da minha vida.

A todos vocês, co-autores desse trabalho, meu muito obrigada!

"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe."

Jean Piaget

## RESUMO

A interdisciplinaridade vem sendo debatida na Europa e nos EUA desde a década de sessenta; no Brasil, segundo Fazenda (1994), essa discussão é bem recente. Por ser recente, muitas são ainda as questões em aberto, a começar pelo próprio conceito de “interdisciplinar”. Várias são as dúvidas quanto ao fazer interdisciplinar e aos porquês de buscar uma formação interdisciplinar. O presente trabalho, um estudo de caso, tem por objetivo pesquisar e compreender a interdisciplinaridade dentro do Bacharelado Interdisciplinaridade em Ciências Humanas (BHU) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB): quais são os desafios enfrentados por docentes do BHU para superar sua própria formação, muitas vezes marcadamente disciplinar, e lecionar em uma proposta diferenciada? A fim de compreender os desafios da docência interdisciplinar, elaboramos um questionário e o aplicamos a oito docentes que lecionam no BHU – um de cada área constitutiva do BHU, a saber: Antropologia, História, Sociologia, Filosofia, Pedagogia, Linguística, Literatura e Língua Inglesa – também construímos e aplicamos um questionário a oito discentes em fase de conclusão da graduação, para compreender o que docentes e discentes pensam sobre a proposta interdisciplinar no BHU. O maior desafio apontado pelos docentes que fizeram parte dessa pesquisa é o de superar a própria formação acadêmica, já que quase todos os entrevistados vêm de uma formação disciplinar, isto ficou claro quando da dificuldade dos docentes em apresentar o que têm feito para colocar em prática a interdisciplinaridade, para que ela possa “sair do mundo das ideias e se efetivar”, como destaca Fazenda (1979). Já os discentes se mostraram incapazes de compreender a interdisciplinaridade dentro do bacharelado e quais as características que fazem do Bacharelado em Ciências Humanas um curso diferente dos outros.

**Palavras-chaves:** Interdisciplinaridade. Desafios da docência interdisciplinar. Bacharelado em Humanidades da UNILAB.



## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	9
1.1 Breve história da Interdisciplinaridade.....	10
1.2 Exemplos de cursos de caráter interdisciplinar no Brasil.....	11
<b>2. CAPÍTULO I – INTERDISCIPLINARIDADE COMO POSSIBILIDADE DE MUDANÇA NA EDUCAÇÃO</b> .....	14
2.1 Do saber holístico ao saber fragmentado.....	14
2.2 O conceito de interdisciplinaridade na educação brasileira.....	15
2.3 O conceito de interdisciplinaridade dentro do Bacharelado em Humanidades.....	16
2.4 O conceito de interdisciplinaridade na concepção de estudiosos do assunto.....	19
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	25
<b>4. CAPÍTULO II- DESAFIOS DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NO BHU</b> .....	29
4.1 Resultados dos questionários aplicados aos docentes do BHU.....	29
4.2 Resultados dos questionários aplicados aos discentes do BHU.....	41
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	46

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sintaticamente, a palavra *interdisciplinaridade* é composta do prefixo “inter-” (que significa “entre”, “no interior de dois”, “aproximação”) e do sufixo “-dade” (um formador de substantivos a partir de adjetivos) e é intermediado pelo substantivo *disciplina*. Em verbetes dicionariais, encontramos a seguinte definição para “interdisciplinaridade”: “que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento” (Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa. Versão 1.1. Dezembro de 2001).

Nosso objetivo, durante essa pesquisa, é refletir sobre como o estabelecimento das relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento se dá na prática, especificamente no curso do *Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas* (BHU) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB (por isso, um estudo de caso). O BHU é um curso que se diferencia dos outros pelo seu caráter interdisciplinar, que já vem indicado no próprio nome do curso. Nossa pretensão, através desta pesquisa, é provocar essa reflexão entre docentes e discentes e, quiçá, contribuir de alguma forma, para o aprimoramento do Bacharelado.

Para tanto, partimos da percepção, tendo em vista a nossa experiência, como graduanda do BHU durante os seis trimestres (sete trimestres se contabilizarmos o trimestre da integração acadêmico cultural<sup>1</sup>), que o constituem, de que a proposta interdisciplinar não é muito bem compreendida pelos graduandos do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, que, em geral, não dominam o conceito de interdisciplinaridade, tampouco compreendem sua prática no BHU.

Entendemos que isso se dá pela bagagem disciplinar a que os alunos foram submetidos ao longo de toda sua vida estudantil e também acreditamos que esta não compreensão é um dos fatores responsáveis pelo “desprestígio”<sup>2</sup> do curso entre os

---

<sup>1</sup> Trimestre da Integração Acadêmico Cultural da UNILAB – trimestre, nos meses de dez-fev., no qual os docentes ofertam cursos ou re-ofertam componentes curriculares. Valoriza-se a interlocução entre as artes e os conhecimentos acadêmicos- a interdisciplinaridade aparece como o primeiro princípio norteador das atividades do trimestre da integração cultural.

<sup>2</sup> Aqui falamos em “desprestígio do curso” a partir do que percebemos das conversas informais com os graduandos do BHU.

discentes da UNILAB, que “entendem” o curso como “um tudo que não é nada”. Por isso, defendemos a importância desse trabalho, pois, nos permitirá conhecer a opinião dos docentes e discentes sobre a interdisciplinaridade dentro do BHU e, a partir desde diagnóstico, entender o porquê desse caráter interdisciplinar no BHU, quais as dificuldades que os docentes têm enfrentado para lecionar dentro dessa proposta diferenciada e o que eles vêm fazendo para superar esses desafios, supondo que a maioria do corpo docente do Bacharelado em Humanidades da UNILAB vem de uma formação disciplinar.

Neste capítulo inicial, consideraremos, brevemente, a história da “interdisciplinaridade” como prática pedagógica e seu lugar no ensino superior brasileiro.

### **1.1 Breve história da interdisciplinaridade**

O “conhecer-te a ti mesmo”, que na inscrição de Delfos (onde Sócrates foi proclamado o mais sábio), é uma advertência ao homem para que reconheça os limites da natureza humana e tenha consciência da sua frágil condição. Na concepção de Fazenda (1994), conhecer a si mesmo é conhecer-se em totalidade, ou seja, interdisciplinarmente. Nas palavras da autora, lemos o seguinte:

“Em Sócrates, a totalidade só é possível pela busca da interioridade. Quanto mais se interiorizar, mais certas vai se adquirindo da ignorância, da limitação, da provisoriedade. A interioridade nos conduz a um profundo exercício de humildade (fundamento maior e primeiro da interdisciplinaridade).” (FAZENDA, 1994, p.15)

Fazenda (1994) chama atenção para o fato de a interdisciplinaridade ser um exercício de constante humildade, uma vez que exige conhecimento de si mesmo, despreendimento para buscar a compreensão do outro e do mundo.

A interdisciplinaridade teve origem na história da ciência moderna na Europa, principalmente na França e na Itália. Uma onda de protestos invadiu a França em Maio de 1968, estudantes reivindicavam reformas no setor educacional e, com apoio dos operários, promoveram uma das maiores greves gerais da Europa. Questões como a humanização do conhecimento científico e a atenção àquilo que era do cotidiano foram

alguns dos temas bastante debatidos na época, e a ideia de totalidade norteava todas essas discussões.

Segundo Fazenda (1994), *a priori*, o movimento interdisciplinar surge para elucidar as novas propostas educacionais que começaram a aparecer na época e em oposição à excessiva especialização, tendo como um dos seus precursores Georges Gusdorf. No Brasil, a partir da obra *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*, de Hilton Japiassu, foi que se passou a conhecer a bibliografia estrangeira existente sobre a temática da interdisciplinaridade. Apesar de já ser um tema atual nos EUA e na Europa, no Brasil existiam poucos textos nacionais ou estrangeiros sobre a referida temática, os quais eram encontrados quase que exclusivamente nas principais bibliotecas de São Paulo e Rio de Janeiro (FAZENDA, 1979).

Percebemos, assim, que a formação e prática docente interdisciplinar no Brasil é bastante nova. Na sequência, apresentamos algumas das universidades brasileiras que ofertam formação interdisciplinar.

## **1.2 Exemplos de cursos de caráter interdisciplinar no Brasil**

A discussão em torno da interdisciplinaridade no mundo (Europa e EUA) principia na década de 60, como referimos acima, a partir da reivindicação dos estudantes franceses por reformas no setor educacional; porém, no Brasil, foi por volta de 1990 que se começou a debater “interdisciplinaridade”.

De acordo com o jornal Último Segundo, no Brasil, o número de programas de mestrado, doutorado e especialização interdisciplinares aumenta 20% a cada ano, porém, ainda há muita resistência na abertura desses cursos de caráter interdisciplinar. Arlindo Philippi Jr., coordenador da avaliação da área interdisciplinar da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), defende que “As pessoas ainda não compreenderam muito bem o que significa criar um programa interdisciplinar. Não é uma mera junção de especialistas em áreas diferentes. É preciso mostrar que, de fato, os estudantes vão compreender a conexão entre os conhecimentos.” (ÚLTIMO SEGUNDO, 2010).

O Globo Universitário, jornal on-line (17-12-2011), enumerou dez universidades brasileiras que oferecem cursos de bacharelado interdisciplinares no Brasil, são elas:

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

Bacharelado em Ciências Humanas: O Bacharelado em Ciências Humanas gerará um diploma específico e corresponderá (se o acadêmico desejar) a um primeiro ciclo de formação.

Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design: Com duração padrão de três anos, sua proposta pedagógica e curricular tem como orientação a compreensão das artes e do design como campos de conhecimentos expandidos.

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

Bacharelado Interdisciplinar em Ciências da Saúde: O curso é um primeiro ciclo de formação com duração de 3 anos, no final desse período o estudante se torna bacharel em saúde.

**Universidade Federal da Bahia**

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Ciência e Tecnologia, Saúde e Artes.

**Universidade Federal de Santa Catarina**

Bacharelado Interdisciplinar em Mobilidade: No bacharelado interdisciplinar oferecido pela UFSC, o aluno cursa três anos em Tecnologias da Informação e Comunicação.

**Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa)**

Bacharelado em Ciência e Tecnologia: O curso tem duração de 3 anos, 2.400 horas de aula e 120 horas de atividades complementares. A formação inclui disciplinas básicas de cunho científico comum a todas as engenharias (matemática, química, física e informática), expressão gráfica e humanidades, além de disciplinas optativas.

**Universidade Federal de Alfenas**

Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia: Com duração de três anos o Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia pretende formar profissionais com visão crítica para colaborar na interpretação e solução de problemas pertinentes à área de gestão de negócios.

**Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM**

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades: Na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), o aluno cursa dois anos básicos, com disciplinas como produção de textos, filosofia e antropologia cultural. No terceiro ano, a grade é ocupada por disciplinas optativas.

Bacharelado em Ciência e Tecnologia: O curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BC&T) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e

Mucuri (UFVJM), criado em 2009, é um curso que agrega formação geral na área de Ciência e Tecnologia com duração de três anos.

#### **Universidade Federal de São João Del Rey**

Bacharelado Interdisciplinar em Biosistemas: O aluno ingressante da UFSJ pode fazer o Bacharelado Interdisciplinar em Biosistemas e depois ingressar em um dos cursos de graduação profissionalizantes oferecidos (Engenharia Agrônômica ou Engenharia de Alimentos).

#### **Universidade Federal do Oeste do Pará**

O primeiro ciclo conta com nove Bacharelados Interdisciplinares (BI) de curta duração (três anos em média), que habilitam a um primeiro diploma universitário. O segundo ciclo habilita a um segundo diploma universitário e compreende cursos de graduações específicas – sete licenciaturas integradas e interdisciplinares e 18 bacharelados específicos -, com número variável de horas e de semestres, também oferecidos pelos institutos.

#### **Universidade de São Paulo**

Curso de Ciências Moleculares: Desde 1991 é oferecido na USP o Curso de Ciências Moleculares. Seu objetivo é formar profissionais especializados em investigação científica em diferentes áreas do conhecimento, com uma formação básica multidisciplinar, envolvendo Biologia, Química, Física, Matemática e Computação.

Acrescentamos à listagem acima, o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UNILAB, em funcionamento desde 2012. Assim como o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), o BHU da UNILAB também se inicia com uma formação geral de dois anos. Mas, após esses dois anos, o graduando já recebe certificado de Bacharel; podendo, se assim desejar, continuar seus estudos em âmbito de graduação por mais dois anos em uma terminalidade: História, Antropologia, Pedagogia ou Sociologia. Em mais detalhes, falaremos da constituição do BHU no próximo capítulo.

## 2. CAPÍTULO I – INTERDISCIPLINARIDADE COMO POSSIBILIDADE DE MUDANÇA NA EDUCAÇÃO

Dados os objetivos de nosso trabalho, neste capítulo, vamos discorrer sobre o espaço destinado à *interdisciplinaridade* na educação brasileira e como o conceito vem sendo discutido por alguns estudiosos da atualidade. Antes, no entanto, julgamos necessário uma breve introdução sobre a fragmentação do saber em “saberes” na história da humanidade.

### 2.1 Do saber holístico ao saber fragmentado.

A história da separação entre as humanidades e as ciências, e entre os cursos propedêuticos e profissionais, é tão interessante quanto a das diversas tentativas de romper esta divisão. Nos tempos antigos, as humanidades e as ciências não eram vistas como tão estanques como parecem hoje, como se pode ver nas ligações entre a matemática e a música, a filosofia e a física (denominada no passado de "filosofia natural"), assim como nos conteúdos éticos, religiosos e mágicos presentes no estudo da astronomia (como astrologia) e da química (como alquimia). Segundo Schwartzman (1992) do Período Sistemático-Aristóteles ao positivismo- Augusto Comte, imaginava-se que seria possível desenvolver uma cultura verdadeiramente universal, e educar as pessoas para que elas pudessem se mover com igual naturalidade no mundo das letras, das artes e das ciências.

No século XX, há uma espécie de crise da fragmentação. Acredita-se que a excessiva especialização estaria impedindo a visão do todo e com isso inviabilizando a compreensão de muitas questões humanas/sociais. Eis que, no século XXI, o ser humano se volta para repensar as totalidades, se volta para a espécie de saber difundida entre os povos antigos, mas com o acréscimo do legado dos saberes acumulados até o presente: e nasce todo um pensamento focado na multidisciplinaridade, na pluridisciplinaridade, na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade.

Japiassu (1976) faz distinção entre esses conceitos referidos acima e alega que estão organizados de forma gradativa. Os termos **multi** e **pluridisciplinaridade** pressupõem uma atitude de justaposição de conteúdos de disciplinas heterogêneas ou a

integração de conteúdos numa mesma disciplina, atingindo-se, quando muito, o nível de integração de métodos, teorias e conhecimentos.

Já na **interdisciplinaridade** tem-se uma relação de reciprocidade, de mutualidade, em regime de copropriedade que possibilita um diálogo mais fecundo entre os vários campos do saber. A interdisciplinaridade provoca trocas generalizadas de informações e de críticas, amplia a formação geral e questiona a acomodação dos pressupostos implícitos em cada área, fortalecendo o trabalho em grupo.

Em relação à **transdisciplinaridade**, se prevê uma etapa superior que eliminaria dentro de um sistema total as fronteiras entre as disciplinas.

No tópico seguinte, consideramos como essa ideia de união entre saberes se faz notar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e na concepção de criação da UNILAB, como instituição federal brasileira de ensino superior, e mais especificamente no curso Bacharelado em Humanidades, no qual realizamos este estudo de caso.

## **2.2 O conceito de interdisciplinaridade na educação brasileira.**

A *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, desde a educação infantil até a superior no Brasil, a que nos interessa para os fins deste trabalho. O Art. 43º do referido documento especifica algumas finalidades da educação superior que aqui destacamos conforme o texto da Lei:

*I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;*

*II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;*

*III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;*

*IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;*



*V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;*

*VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;*

*VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1996, p.16).*

No quinto parágrafo, destacamos a segunda parte que, embora não mencione diretamente a *interdisciplinaridade*, a contempla, pois há uma referência explícita à “integração dos conhecimentos”. Quando falamos em interdisciplinaridade, estamos de algum modo nos referindo a uma espécie de interação/integração entre disciplinas ou áreas do saber.

Por sua vez, na Lei nº 12.289, de 20 de Julho de 2010, lei de criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) não encontramos menção ao caráter interdisciplinar dos cursos a serem ofertados pela instituição, mas, no estatuto da UNILAB, no capítulo II, intitulado *DA MISSÃO, PRINCÍPIOS E OBJETIVOS*, especificamente no Art. 5º, há explicitado o seguinte princípio: *III. Indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, valorizando a formação interdisciplinar.*

### **2.3 O conceito de interdisciplinaridade dentro do Bacharelado em Humanidades**

No que concerne à proposta pedagógica do Bacharelado em Humanidades, curso de graduação ofertado pela UNILAB, destacamos que a meta deste curso é fornecer ao graduando a oportunidade de interagir com as seguintes áreas do conhecimento: Filosofia, Antropologia, História, Literatura, Pedagogia, Sociologia e Linguística, o que não seria possível em um curso de caráter disciplinar.

O Bacharelado em Humanidade tem duração mínima de dois anos e máxima de três anos, o curso é noturno, o regime letivo é trimestral e a carga horária é de 1600 horas. São, respectivamente, objetivos geral e específico do BHU:

**Geral:** Formar bacharéis em humanidades capazes de atuar em Instituições de pesquisa, museus, arquivos e demais instituições afins, públicas e privadas de modo a promover a construção e preservação do conhecimento social, bem como de promover políticas sociais de acesso e democratização destes espaços a fim de que seja incentivada e garantida a necessária e dinâmica produção do conhecimento.

**Específicos:** Localizar e estudar os campos das Ciências Humanas e da Filosofia e suas mudanças ao longo do tempo de modo a compreender as possibilidades de construção da inteligência social nas suas multiplicidades das formas de interpretar e produzir conhecimento interdisciplinar em humanidades.

Discutir as transformações que ocorrem no campo da pesquisa em humanidades, através de uma ampla reflexão crítica sobre a pesquisa.

Estudar e analisar as transformações que ocorreram e ocorrem nos espaços lusófonos no campo abrangido pelo escopo das Ciências Humanas e Filosofia.

Proporcionar experiências de pesquisa e desenvolvimento de projetos que capacitem os graduandos para a produção do conhecimento no campo das Ciências Humanas e da Filosofia e para sua socialização através de textos de sistematização e divulgação acadêmicas.

Formar profissionais que valorizem e incrementem o estudo e a difusão das culturas dos países parceiros, respeitando suas identidades e peculiaridades;

(PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR DO CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES, 2013, p.16-17)

De acordo com o Projeto Pedagógico Curricular do BHU, o curso se caracteriza pelas seguintes peculiaridades:

Formação profissional para a cidadania – contemplando a necessária reflexão sobre as questões étnico-raciais e sobre o meio-ambiente – uma vez que a universidade deve ter o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, para que o profissional por meio do questionamento permanente dos fatos possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.

A Interdisciplinaridade como uma exigência do saber contemporâneo e particularmente do saber no campo das humanidades que na sua multiplicidade de temas, abordagens, questões e interpretações, por meio da articulação de conteúdos e competências inerentes à Antropologia, à Sociologia, à Pedagogia, à História, às Artes e à Política, o alargamento de suas questões e de seus modos de procedimento, assim como dos modos de intervenção social qualificando melhor os graduandos para atuação profissional.

Indissociabilidade entre teoria e prática, que é inerente a todo conteúdo curricular, uma vez que o projeto pedagógico se sustenta nesta relação, onde uma dimensão do conhecimento é informada constantemente uma pela outra. Adotar este princípio é o pressuposto para desenvolver habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.

Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

(PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES, 2013, p.18-19)

As características, portanto, do Bacharelado em Humanidades o fazem constitutivamente interdisciplinar, sendo este o seu sentido de ser como proposta acadêmico-pedagógica.

Para finalizarmos a descrição do BHU, apresentamos, na figura abaixo, os componentes curriculares constitutivos do curso:

<b>Componentes de caráter obrigatório</b>	<b>Componentes de caráter optativo</b>
Estrutura e Dinâmicas das Sociedades Escravistas I (40 h/a)	Língua Inglesa I (40 h/a)
Estrutura e Dinâmica das Sociedades Escravistas II (40 h/a)	Língua Inglesa II (40 h/a)
Filosofia I (40 h/a)	Língua Inglesa III (40 h/a)
Colonização e Pensamento Antropológico I (40 h/a)	Língua Inglesa IV (40 h/a)
Colonização e Pensamento Antropológico II (40 h/a)	Filosofia da Mente (40 h/a)
Colonização e Pensamento Antropológico II (40 h/a)	O pensamento filosófico moderno e contemporâneo (40 h/a)
Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades (40 h/a)	Gestão do Patrimônio Histórico e Cultural (40 h/a)
História das Ideias Políticas e Sociais (40 h/a)	Antropologia de A a Z (40 h/a)
Sociologia I (40 h/a)	Introdução à Antropologia das Cidades (40 h/a)
Sociologia II (40 h/a)	Notas introdutórias de Filosofia da Música (40 h/a)
Estética e Filosofia da Arte (40 h/a)	Colonização e Resistência na África Contemporânea (40 h/a)
Literatura em Língua Portuguesa I (40 h/a)	Independência e Formação da Nação Brasileira (40 h/a)
Literatura em Língua Portuguesa II (40 h/a)	Descolonização e formação dos Estados Nacionais na África Lusófona I (40 h/a)
Educação e Sociedade I (40 h/a)	Descolonização e formação dos Estados Nacionais na África Lusófona II (40 h/a)
Educação e Sociedade II (40 h/a)	Formação do Mundo Contemporâneo I (40 h/a)
Cultura Afro-Brasileira – 40 h/a (40 h/a)	Formação do Mundo Contemporâneo II (40 h/a)
Inserção na Vida Universitária (40 h/a)	O saber histórico: epistemologia e fundamentos teórico-metodológicos (40 h/a)
Sociedade, História e Cultura nos Espaços Lusófonos (40 h/a)	Tópicos em estética (40 h/a)

Leitura e Produção de Textos I (40 h/a) TCC III (80h/a)	Desenvolvimento, cooperação e interculturalidade (40 h/a)
Leitura e Produção de Textos II (40 h/a)	Filosofia, Ancestralidade e Religiosidade Africana e afro-brasileira (40 h/a)
Iniciação ao Pensamento Científico (40 h/a)	Metodologia da pesquisa sociológica (40 h/a)
Tópicos Interculturais nos Espaços Lusófonos	Introdução à Sociologia das Religiões (40 h/a)
TCC I (40 h/a)	Educação em direitos humanos (40 h/a)
TCC II (80 h/a)	Educação intercultural (40 h/a)
TCC III (80h/a)	Antropologia e Meio Ambiente (40 h/a)
	Línguas Portuguesas e Identidades (40 h/a)
	Representação e Dominação - A Construção do Colonizado e do colonizador na África (40 h/a)
	Estudos de estética do teatro (40 h/a)
	Política, Multiculturalismo e Interculturalidade (40 h/a)
	Arte Contemporânea (40 h/a)
	Teorias do desenvolvimento (40 h/a)
	Estudos das Humanidades (40h/a)
	Educação, gênero e etnia (40 h/a)
	Arte e educação (40 h/a)
	Seminários temáticos em educação (40 h/a)
	O pensamento filosófico moderno e contemporâneo (40 h/a)
	Crítica da economia política (40 h/a)

**Figura 1.** Componentes obrigatórios e optativos do BHU. Fonte: Coordenação do BHU da UNILAB.

Na sequência, exporemos o pensamento de alguns estudiosos sobre a interdisciplinaridade.

#### **2.4 O conceito de interdisciplinaridade na concepção de alguns estudiosos**

Os entusiastas da interdisciplinaridade defendem que o mundo é um todo e deve ser entendido como tal, e que a construção de conhecimento precisa dá-se de forma conjunta, partilhada a fim de que seja possível compreender o todo. Mas colocar a interdisciplinaridade em prática não é fácil, pois exige que a (o) profissional saia de sua zona de conforto e tenha desejo de inovar, recriar, somar, pesquisar coletivamente e olhar para além do horizonte de uma área do saber. A proposta aqui não é de procurar definições “concretas” do conceito “interdisciplinaridade”, e, sim, entender um pouco o que pensam os estudiosos sobre esse conceito ainda em construção.

Isabel de Lara e Regina Borges (2011) realizaram um mapeamento de dissertações e teses sobre *interdisciplinaridade* produzidas no Brasil; nesse trabalho, verificou-se, segundo as autoras, que, das 1200 dissertações/teses sobre interdisciplinaridade, a

disciplina que mais foi discutida como tendo a necessidade de ser interdisciplinar foi a matemática. As estudiosas assim destacam a importância da interdisciplinaridade:

O trabalho interdisciplinar é uma necessidade quando o objetivo é promover a aprendizagem, pois sem a integração de saberes e competências torna-se improvável que os conteúdos desenvolvidos nas escolas ganhem um significado capaz de motivar os alunos à reflexão e ao conhecimento. A Educação, assim, só se torna efetiva quando a prática interdisciplinar é acompanhada de uma atitude transdisciplinar, isto é, um olhar que ultrapassa os limites do conhecimento formal e institui o comprometimento do ser completo. (LARA; BORGES, 2011, p. 3).

A interdisciplinaridade abrange vários aspectos do conhecimento e permite compreender o mundo, descartando ideias preconcebidas. Para tanto, necessitamos, segundo Lara e Borges (2011) bem destacam, ultrapassar as barreiras da formalidade e abrir espaço para ideias criativas.

Maria Minayo (1994) afirma que a preocupação dos intelectuais tem sido a dispersão do conhecimento e conseqüentemente a divisão do trabalho intelectual. Segundo a autora, a *interdisciplinaridade* é um termo confuso e que é usado para remeter a realidades e propósitos diversos. Segundo Minayo, Gusdorf comenta que, nas reformas universitárias, todos se colocam defendendo o caráter interdisciplinar das instituições de ensino. Porém, para muitos, segundo Gusdorf, isso significava apenas juntar várias faculdades no mesmo lugar ou vários especialistas com suas linguagens peculiares, sentados uns do lado dos outros. Gusdorf propõe, como saída, um saber geral e superior, uma “ciência humana” reagrupadora e rearticuladora de um “humanismo convergente”.

A pesquisadora Ivani Fazenda (2013), em *Práticas interdisciplinares na escola*, coletânea de textos organizada pela pesquisadora, na qual ela faz uma leitura das práticas escolares, juntamente com outros estudiosos que, segundo a autora, puderam vivenciar e exercer a interdisciplinaridade na sala de aula, destaca que, durante os últimos eventos acadêmicos, a palavra *interdisciplinaridade* tem sido palavra de ordem, porém, segundo a autora, muitos educadores apenas pronunciam, sem saber muito bem o que fazer com ela. Há uma certa perplexidade ou insegurança frente à possibilidade da prática interdisciplinar. Coadunamos com a reflexão da autora, que diz o seguinte: “Tal como no caso da ciência moderna, Descartes tinha exercido a dúvida em vez de a sofrer, é necessário que a ciência pós-moderna assuma a insegurança em vez de a postergar, mas assumir a insegurança pressupõe o fato de a exercer com responsabilidade.” (FAZENDA, 2013, p.18).

A prática interdisciplinar, mais do que se arriscar em uma “teoria nova”, exige reflexão, dedicação e muita pesquisa. Segundo Morin (2011), é um exercício de reformulação da mente, de diálogo com o novo.

Fazenda (1979) aborda a interdisciplinaridade como uma questão de atitude a ser assumida perante a questão do conhecimento, afirmando o seguinte:

[...] a interdisciplinaridade não se ensina, não se aprende, apenas vive-se, exerce-se e, por isso, exige uma nova pedagogia, a da comunicação. [...] É uma atitude de abertura, não preconceituosa, em que todo o conhecimento é igualmente importante. Pressupõe o anonimato, pois o conhecimento pessoal anula-se diante do saber universal. (FAZENDA, 1979, p.11).

Zimmermann e Carlos (2005) abordam alguns conceitos de interdisciplinaridade e criticam a falta de clareza dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio, com relação à prática interdisciplinar, e discutem as dificuldades que os profissionais encontram para materializar, nas salas de aulas, aquilo que, segundo os autores, se tornou o “jargão educacional”. Zimmermann e Carlos (2005, p.1) baseiam-se em autores como Japiassu, Fazenda e Jantsch e Bianchetti para conceituarem a interdisciplinaridade. Realizando uma crítica à visão de interdisciplinaridade de Fazenda, os autores assim se expressam: “[...] *é preciso mais que um agrupamento de pesquisadores/educadores para uma ação genuinamente interdisciplinar.*” (ZIMMERMANN; CARLOS, 2005, p.2).

Em suma, entendemos que, para um fazer, de fato, interdisciplinar, fazem-se necessárias equipe integrada, o que requer boa relação entre os docentes, entre os discentes e entre os docentes e os discentes, ousadia para pesquisar e força de vontade para transformar insegurança em exercício de reflexão.

O filósofo Edgar Morin (2011) sugere uma reformulação do pensamento para reformar o ensino, segundo Morin: “O conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar.” (MORIN, 2011, p.15).

Para Morin (2011), é necessário promover uma “cabeça bem-feita”, em vez de “bem cheia”, o autor propõe uma nova escola e um novo jeito de pensar para a

transformação da sociedade. Segundo o autor, o ensino, atualmente, está muito fragmentado, o que cria matérias compartimentadas, tornando-as muito técnicas e pouco humanas, formando “experts” em determinadas áreas do conhecimento. Para o autor, o ensino dever ser uma aprendizagem total e abrangente, na qual seja mostrada a relação existente entre as diversas áreas do conhecimento. Com o propósito de buscar uma solução para os problemas da fragmentação do conhecimento, Morin (2011) propõe o desenvolvimento de uma “inteligência geral”, estimulada pela dúvida, pois acredita-se que ela é a maneira pela qual buscamos respostas.

Em *Os sete saberes necessários à educação*, Morin (2011) critica o que considera ser falhas da educação e sugere novos caminhos para a formação de jovens, futuros cidadãos do mundo. O autor enumera sete princípios que ele considera essencial para atingir essa educação para a cidadania: as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão e, por fim, a ética do gênero humano. Morin faz severas críticas à compartimentalização dos conhecimentos, partindo da ideia de que a totalidade planetária é una e indivisível assim como a unidade humana, por isso é preciso despertar a cidadania terrestre. Ele nem menciona a palavra *interdisciplinaridade*, mas parte de uma visão global que enfatiza a relação recíproca do todo com as partes e das partes com o todo.

Georges Gusdorf (1976), autor do prefácio do livro de Japiassu, acredita que a ciência não deveria dissociar o seu objeto. Para Gusdorf (1976) era suposto a ciência do homem encontrar na existência humana seu “ponto de partida e de chegada”. Segundo o autor: “Toda verdade científica deve constituir o objeto de uma dupla crítica, porque possui uma dupla validade: sua verdade intrínseca pode ser colocada em questão do ponto de vista de sua significação para a realidade humana.” (GUSDORF, 1975, p.24).

Hilton Japiassu (1976) também defende a não fragmentação do conhecimento e chega a afirmar que “O interdisciplinar se apresenta como o remédio mais adequado à cancerização ou à patologia geral do saber” (JAPIASSU, 1976, p.31). Essa doença do saber, segundo Gusdorf (1975) também é doença do homem e conseqüentemente da humanidade. Para Japiassu, a característica central da interdisciplinaridade é que ela incorpora os resultados de várias disciplinas, fazendo empréstimos a elas a fim de fazê-las integrar. (JAPIASSU, 1976). Nas palavras do autor, lemos o seguinte:

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados (JAPIASSU, 1976, p. 75).

Japiassu define o conceito de interdisciplinaridade como o diálogo entre as disciplinas. Assim expressa o autor: “(...) colocar o problema da interdisciplinaridade nas ciências humanas já é colocar, parece-me, a questão do diálogo dessas disciplinas.” (JAPIASSU, 1976, p. 29).

Japiassu acreditava que a interdisciplinaridade deveria se opor aos seguintes aspectos:

- a) contra um saber fragmentado, em migalhas, pulverizado numa multiplicidade crescente de especialidades, em que cada uma se fecha como que para fugir ao verdadeiro conhecimento;
- b) contra o divórcio crescente, ou esquizofrenia intelectual, entre uma universidade cada vez mais compartimentada, dividida, subdividida, setorizada e subsetoriada, e a sociedade em sua realidade dinâmica e concreta, onde a “verdadeira vida” sempre é percebida como um todo complexo e indissociável. Ao mesmo tempo, porém, contra essa própria sociedade, na medida em que ela faz tudo o que pode para limitar e condicionar os indivíduos a funções estreitas e repetitivas, para aliena-los de si mesmos, impedindo-os de desenvolverem e fazerem desabrochar todas as suas potencialidades e aspirações mais vitais;
- c) contra o conformismo das situações adquiridas e das “ideias recebidas” ou impostas. (JAPIASSU, 1976, p.43)

Japiassu faz duras críticas ao modelo disciplinar de educação e defende a integração dos conhecimentos em busca de um conhecimento integrado. Para tal, propõe a interdisciplinaridade como o meio de conseguir essa renovação nos sistemas educacionais, para que, segundo o autor, os homens possam ser mais “livres”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Livres no sentido de explorar melhor suas potencialidades (JAPIASSU, 1976).



Na visão de todos os pensadores acima referidos, a interdisciplinaridade seria um dos caminhos possíveis para conciliar os conceitos pertencentes às diversas áreas do saber, promovendo avanços tanto na produção de conhecimento como no aparecimento de novas subáreas.

Estamos em um mundo de mistura de fronteiras inventadas pelo homem ao longo dos tempos. Esta é uma realidade nova que exige de nós a capacidade para encontrar formas mais alargadas de pensar. Nesse contexto, muito provavelmente, a interdisciplinaridade pode nos ajudar a ir além do conhecimento fragmentado e fazer a ponte com as várias culturas e saberes que o mundo atual nos apresenta, fazendo, assim, ligações entre os conteúdos a fim de que se possa formar homens que sejam capazes de refletir sobre a realidade.

### 3. METODOLOGIA

A fim de analisar quais são os principais desafios enfrentados pelo corpo docente da UNILAB para lecionar em um curso que se propõe interdisciplinar, elaboramos um questionário com nove perguntas que tocam em questões específicas do fazer interdisciplinar. Esse questionário foi aplicado, por via eletrônica (e-mail), a oito professores que lecionam no BHU, das oito áreas (Antropologia; Filosofia; História; Inglês; Linguística; Literatura; Pedagogia e Sociologia.), constitutivas do curso de Bacharelado em Humanidades. Todos doutores, dos quais três são do sexo feminino e cinco são do sexo masculino. As perguntas feitas foram as seguintes:

- (1) Qual o seu entendimento do conceito “formação interdisciplinar” – o que caracteriza, no seu ponto de vista, esse tipo de formação?
- (2) Em sua opinião, quais os aspectos positivos e negativos de uma “formação interdisciplinar”?
- (3) Como você caracteriza a sua formação acadêmica (disciplinar; disciplinar, com algumas incursões interdisciplinares; interdisciplinar)? Após escolher uma das três opções (ou indicar outra caracterização se for o caso), por favor, faça um breve resumo de sua formação acadêmica em termos de Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado.
- (4) Se você teve alguma experiência interdisciplinar durante a sua formação acadêmica, relate essa experiência e conceda sua opinião quanto à significação dela para sua formação pessoal/profissional.
- (5) Qual a sua opinião acerca da especialização dos saberes? A seu ver, quais foram as vantagens e desvantagens da especialização do conhecimento para as ciências em geral e, em particular, para as ciências humanas?
- (6) Qual a sua opinião acerca da contribuição da especialização dos saberes no enfrentamento de questões sociais como a fome, o racismo, os conflitos entre nações por territórios, o aquecimento global, o consumismo, entre outros?

- (7) Em sua opinião, qual é a relevância da “interdisciplinaridade” na formação de profissionais que atuarão no contexto atual da globalização?
- (8) O Bacharelado em Humanidades da UNILAB se caracteriza pela “interdisciplinaridade”. A seu ver, na prática, o BHU está propiciando uma “formação interdisciplinar” aos graduandos? Você proporia alguma mudança que, a seu ver, aprimoraria o caráter interdisciplinar do BHU?
- (9) Quais são os desafios de lecionar em um curso de caráter interdisciplinar como o BHU?

Nossa pesquisa é de caráter interpretativo e de amostragem, não se trata de pesquisa quantitativa, uma vez esta requerer um maior número de informantes e, talvez, exigisse uma pesquisa acerca de mais de um curso interdisciplinar; como afirmamos desde o início, nosso trabalho se caracteriza como um estudo de caso.

Embora nosso foco, conforme indica o próprio título do trabalho, seja a perspectiva docente do trabalho interdisciplinar na realidade do BHU, realizamos entrevistas também com oito alunos do BHU a fim de saber o que pensam sobre a interdisciplinaridade no bacharelado. Para tal fim, elaboramos um questionário com oito perguntas para sabermos qual a opinião dos discentes do curso, também protagonistas dele, sobre a sua concepção interdisciplinar. O questionário foi aplicado, por via eletrônica, a dois graduandos estrangeiros, um de Cabo Verde e outro de Guiné Bissau, e a seis graduandos brasileiros. Dos oito entrevistados, quatro são do sexo feminino e quatro do sexo masculino, todos na faixa etária dos vinte e cinco anos de idade. Todos os graduandos entrevistados estão no último ou penúltimo trimestre do BHU.

Esse recorte, referente ao último ou penúltimo trimestre do BHU, foi feito tomando por base conversas informais com os graduandos do Bacharelado. Os graduandos com os quais conversamos nos disseram que muitos alunos do BHU desistem do curso logo no início deste, pois entraram no BHU por ser este um curso com maior número de vagas, sem a motivação para, de fato, empreender estudos na área de Humanidades. Muitos ingressam no BHU ou com a intenção de apenas ter um diploma

de nível superior, para depois realizar concurso público para algum cargo que exija graduação, sem que haja uma especificidade dessa graduação, ou para tentar mudar de graduação dentro da UNILAB. Assim, o BHU funciona, para um grupo de ingressos, como “porta de entrada” quer para um mercado de trabalho não delineado, quer para outros cursos.

Essa constatação também foi feita em pesquisa realizada, em 2013.1, por alunos do BHU no componente curricular “Leitura e Produção de Texto II”, sob a coordenação da professora ministrante do componente curricular, Professora Léia Cruz de Menezes. A fim de redigir artigo acadêmico sobre a temática “causas da evasão no ensino superior e métodos de prevenção da evasão”, a turma do BHU acompanhada pela Profa. Léia Menezes elaborou um questionário e o submeteu a três turmas do BHU – portanto, a 75% dos graduandos do BHU naquela ocasião, tendo em vista que só havia quatro turmas de BHU. No questionário, havia uma pergunta específica sobre o motivo da escolha do BHU por parte do recém-ingresso, assim estava formulada:

**Por que escolheu o Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UNILAB?**

Observação: Se mais de um fator abaixo foi decisivo para a escolha do curso, numere os parênteses pela ordem de importância; exemplo: se a sua escolha em cursar o BHU deveu-se, por ordem de importância, ao fato de ser um curso de curta duração e ao seu desejo de uma formação acadêmica para melhorar no emprego que você já tem, coloque 1 no parêntese antes de “por ser um curso de curta duração” e 2 no parêntese antes de “porque desejo ter um diploma acadêmico – seja ele qual for – para melhorar no emprego que já tenho”.

( ) por vocação / ( ) por falta de outra opção / ( ) por ser esse o curso em que consegui entrar com a nota que tirei no Enem / ( ) por ser um curso de curta duração / ( ) porque desejo ter um diploma acadêmico – seja ele qual for – para realizar concurso público / ( ) porque desejo ter um diploma acadêmico – seja ele qual for – para melhorar no emprego que já tenho.

Outro motivo: \_\_\_\_\_

Da análise dos dados, constatou-se que a maioria dos alunos indicava o fato de ser o BHU “um curso de curta duração” um fator decisivo para a escolha, bem como o “desejo de ter um diploma acadêmico – seja ele qual for – para realizar concurso público” e o fato de ser “esse o curso em que consegui entrar com a nota que tirei no Enem”. Essa escolha não motivada por interesses no curso em si mesmo revelou-se geradora de evasão; por isso

optamos por entrevistar graduandos do final do BHU, pois estes já tinham enfrentado a fase onde a desistência é mais comum. Entendemos que estes, por terem optado por concluir o BHU, apresentam identificação com a proposta interdisciplinar do concurso.

Abrimos um parêntese aqui para expressar a nossa preocupação quanto à constante mudança de curso de alunos ingressam no BHU. O grande número de vagas tem facilitado a entrada de muitos alunos, porém a experiência nos diz que a maioria queria estar cursando qualquer outro curso. Um dos discentes entrevistados deixou claro quanto ao que o motivou a estudar na UNILAB: o fato de ser uma universidade pública apenas. Ele declarou que, na verdade, preferia estar cursando um outro curso, ao invés do BHU. Nas palavras dele, lemos: “Escolhi o BHU porque ele é um curso pequeno e tem uma continuação que vai me beneficiar, que é a Pedagogia, mas, se pudesse mudar de curso, seria especificamente para Pedagogia, a universidade não me importa, contanto que ela seja gratuita.”

Isso, na nossa opinião, desvaloriza o curso, gerando o que denominamos como “desprestígio”. Embora essa realidade nos preocupe, não é a ela que dedicamos atenção neste momento; no futuro, em outras pesquisas, talvez.

Pelas razões que mencionamos acima, portanto, escolhemos trabalhar com aqueles que estão próximos de concluir o BHU, acreditando que estão mais conscientes daquilo que querem, tendo em vista que optaram por permanecer neste curso. As perguntas do questionário foram essas que seguem abaixo:

- (1) Qual o seu entendimento do conceito “formação interdisciplinar” e o que caracteriza, no seu ponto de vista, esse tipo de formação?
- (2) Em sua opinião, quais os aspectos positivos e negativos de uma “formação interdisciplinar”?
- (3) Em sua opinião, qual é a relevância da “interdisciplinaridade” na formação de profissionais que atuarão no contexto atual da globalização?
- (4) Como você caracterizaria o Bacharelado em Humanidades e o que, na sua opinião, o diferencia dos outros cursos?

- (5) O que o motivou a escolher o BHU? (Se você pudesse escolher outro curso e/ou outra Universidade você mudaria de curso e/ou de Universidade? Por favor, justifique sua resposta.)
- (6) No atual estágio em que você está no Curso de Bacharelado em Humanidades, qual a sua compreensão da “interdisciplinaridade” do seu curso?
- (7) Ao terminar o Curso de Bacharelado em Humanidades, você pretende (I) atuar como Bacharel em Humanidades? (II) prosseguir a graduação e realizar alguma terminalidade (Sociologia, História, Pedagogia, Antropologia)? (III) tentar um concurso público para qualquer área? Por favor, escolha uma dessas opções – ou registre outra, se nenhuma das opções acima contemplar a sua realidade. Justifique sua resposta.
- (8) Como você caracteriza os profissionais formados no BHU: (I) como profissionais que têm um conhecimento razoável de várias áreas; (II) como profissionais que têm pouco conhecimento de várias áreas; (III) como profissionais que têm ótimo conhecimento de várias áreas. Justifique sua resposta.

#### **4. CAPÍTULO II- DESAFIOS DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NO BHU**

Este capítulo tem como objetivo apresentar/analisar as respostas concedidas por nossos informantes, os 16 respondentes aos questionários elaborados para esta pesquisa, com o propósito de refletirmos acerca dos desafios do fazer interdisciplinar na prática docente do BHU da UNILAB.

#### 4.1 Resultados dos questionários aplicados aos docentes do BHU

Em relação à primeira pergunta do nosso questionário, quanto ao entendimento do conceito “formação interdisciplinar” e à caracterização desse tipo de formação, constatamos que cinco dos oito entrevistados, assim como Japiassu (1976), definem interdisciplinaridade como *o diálogo entre as diversas áreas do saber*. Destacamos abaixo, em algumas das respostas concedidas pelos nossos informantes, a palavra *diálogo*, comum na maioria das respostas.

Na sequência apresentamos algumas das respostas concedidas pelos docentes, nas quais relatam suas respectivas trajetórias acadêmicas.

**Informante da Sociologia<sup>4</sup>:** “É um processo de ensino e aprendizagem pautado no *diálogo* teórico e metodológico entre disciplinas diferentes e afins que visam formar profissionais e cidadãos aptos a investigar os problemas e propor soluções numa perspectiva da lógica da complexidade.”

**Informante da Antropologia:** “Trata-se de uma formação que estabelece pontos de **diálogo** entre as diferentes áreas do saber. Sendo cada uma das áreas constituída historicamente em torno de teorias e metodologias próprias, a formação interdisciplinar coloca o discente diante de múltiplos olhares e modos de refletir sobre o mundo.”

**Informante da História:** “Compreendo a formação interdisciplinar como um processo em que ao estudante é propiciado o contanto com diferentes campos disciplinares que formam uma área do conhecimento (humanidades, saúde, ciências e tecnologia, etc.) numa **perspectiva dialógica**. Ou seja, uma formação que evidencie ao estudante que o campo disciplinar existe, que há diferenças entre eles (História é diferente de Sociologia), mas que há, também pontos de aproximação e de interconecção entre estes campos, que devem ser valorizados e cujos diálogos estimulam o desenvolvimento da área.”

---

<sup>4</sup> Convencionamos chamar de **informante** da Sociologia, Antropologia, etc. na acepção de ser um/uma professor/professora daquela área; não se trata aqui de um porta-voz de todos os docentes de uma área. Portanto, o que cada docente de cada área expressa não necessariamente indica o modo de ver/pensar de todos os que com ele/ela constituem uma área, mas nos permite uma amostra do que pode ser o modo de ver/pensar a interdisciplinaridade de seus pares de área.

**Informante da Literatura:** “O conceito de formação interdisciplinar significa “formação que **envolve diversas áreas** do conhecimento”, como forma de ampliar o arcabouço de conhecimentos (compreensão) sobre o objeto de estudo. Por exemplo: no caso de Literatura e Meio ambiente - a partir da literatura (a forma como se organiza a linguagem – em prosa ou em poema), analisa-se as condições ambientais, a partir do ponto de vista da Ecologia, Sociologia, Filosofia, cada uma contribuindo com o conceito em seu campo de saber.”

**Representante da Filosofia:** “A formação interdisciplinar é um processo de subjetivação (formação de sujeitos) que em condições históricas específicas se desenvolve no sentido de partir de estudos e práticas multidisciplinares e busca compreender e efetivar **possibilidades de inter-relacioná-los** visando a produção de saberes e sujeitos que os agenciam no sentido transdisciplinar de formação humana.”

Os outros três entrevistados manifestaram entender que é na interdisciplinaridade que se dá o cruzamento de saberes, inter-relações; sendo este, portanto, o espaço de construção de relações entre as diversas áreas.

Nas respostas à segunda questão, no que diz respeito aos aspectos positivos/negativo da “formação interdisciplinar”, verificamos que existe uma certa unanimidade na fala dos docentes de História e Sociologia, ambos concordam que, se bem entendida, a interdisciplinaridade não apresenta aspectos negativos.

**Informante da História:** “(...) Não consigo ver aspectos negativos na formação interdisciplinar, o que pode ocorrer de ruim é a incompreensão da interdisciplinaridade como o diálogo entre campos disciplinares distintos, incorrendo no erro de negar a existência dos próprios campos e de suas peculiaridades.”

**Informante da Sociologia:** “Quando a formação interdisciplinar é levada a sério não vejo nenhum problema que ela comporta. Pois todos os saberes desde os tempos primórdios da humanidade sempre se processaram nessa perspectiva.”



Um ponto positivo que foi levantado foi o de que a interdisciplinaridade permitiria uma maior compreensão dos fenômenos sociais que se apresentam cada vez mais complexos, teoria defendida por Morin (2011): “Morin faz severas críticas à compartimentalização dos conhecimentos, partindo da ideia de que a totalidade planetária é una e indivisível assim como a unidade humana, por isso é preciso despertar a cidadania terrestre.” (MORIN, 2011)

Por sua vez, nas respostas dos representantes da Antropologia e da Linguística, há destaque para a capacitação do indivíduo, que estaria mais apto a “resolver problemas”.

**Informante da Antropologia:** “A formação interdisciplinar permite o aprendizado de múltiplas formas de abordar problemas, sendo que esse conhecimento pode ser construído em torno de objetos mais próximos do estudante.”

**Informante da Linguística:** “Aspectos positivos – ampliação do conhecimento; aprimoramento da habilidade de resolver problemas.”

Já o representante da Filosofia acredita que a “formação interdisciplinar” propiciaria ao sujeito uma formação mais qualificada.

**Informante da Filosofia:** “ (...) Aspectos positivos são relativos à complexidade das abordagens que podem levar a um conhecimento e a sujeitos com formação mais qualificada.”

Quanto aos aspectos negativos da “formação interdisciplinar”, existe uma preocupação quanto ao *não aprofundamento de questões próprias de cada área*, na fala de alguns docentes. Abaixo transcrevemos algumas respostas que refletem algumas desvantagens da formação interdisciplinar apontadas por alguns docentes:

**Informante da Antropologia:** “ (...) Como desvantagem, eu diria que *se perde um aprofundamento em torno de questões próprias de uma única área* – área essa sempre plural quanto aos objetos e temas sobre os quais se debruçam seus participantes.”

**Informante da Linguística (Inglês):** “ (...) Quanto aos aspectos negativos: numa cultura de especialização como a nossa, onde cada pessoa tem de dar conta exclusiva e unicamente de um território demarcado do conhecimento, *o indivíduo corre o risco de se perder dentro do escopo geral das disciplinas*, produzindo um saber generalizado, sem direcionamento específico e sem o falado produto final.”

**Informante da Linguística:** “(...) Aspecto negativo – *eventual ausência de profundidade* no contato com os conteúdos/conhecimentos.”

**Informante da Pedagogia:** “Há o risco iminente de, por um lado, *fragilizar a necessária formação disciplinar* que é fundamento para diálogo inter, bem como promover a formação inter sem aprofundar conhecimentos específicos que são basilares p/ compreensão dos fenômenos e fatos.”

Na fala do representante da área da Sociologia (ver na íntegra na sequência) verificamos que ele faz críticas à falta de compreensão por parte de alguns docentes do que é a proposta interdisciplinar e à hiperespecialização dos conhecimentos, crítica já feita antes por Japiassu (1976). Segundo o autor:

A especialização exagerada e sem limites das disciplinas científicas, a partir sobretudo do século XIX, culmina cada vez mais numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico. No final das contas, para retomarmos a célebre expressão de G. K. Chesterton, o especialista converteu-se neste homem que, à força de conhecer cada vez mais sobre um objeto cada vez menos extenso, acaba por saber tudo sobre nada. (JAPIASSU, p.40-41, 1976).

**Informante da Sociologia:** “(...) A modernidade ocidental é que vai introduzir o parcelamento dos conhecimentos, por isso estamos a vivenciar a crise atual da ciência: *a hiperespecialização, a fragmentação dos conhecimentos*. A formação interdisciplinar está de volta para superar essa crise. *O aspecto negativo só acontece, de meu ponto de vista, quando se processa mal a interdisciplinaridade. Fingir que se entende do assunto para fazer “qualquer coisa”, tudo isso para responder as demandas dos governos ou porque está na moda*. Nesse sentido, o educador finge que pratica a interdisciplinaridade e o educando finge que aprende e o resultado final disso será uma formação truncada.

Pois o formando sai do seu percurso formativo sem ter aprendido muita coisa, para não dizer não aprender nada.”

A terceira pergunta do nosso questionário diz respeito à formação dos docentes do BHU.

Dos oito docentes entrevistados, apenas dois (representantes das áreas de História e Língua Inglesa) declararam que a sua formação foi *totalmente disciplinar*; três outros docentes (representantes da área de Sociologia, Antropologia e Linguística) afirmaram que sua formação acadêmica foi disciplinar, mas com algumas incursões interdisciplinares. Outro docente declarou que teve formação interdisciplinar (representante da Literatura); outro docente (representante da área da Pedagogia) descreveu sua formação acadêmica como “graduação-disciplinar”, “mestrado-interdisciplinar” e “doutorado-disciplinar”, e um outro docente (representante da Filosofia) caracterizou sua formação como disciplinar, com algumas incursões interdisciplinares e transdisciplinares.

Apesar de apenas dois dos nossos entrevistados terem afirmado que suas formações foram disciplinares, todos os entrevistados, exceto o representante da área de História, tiveram alguma experiência interdisciplinar durante a sua formação acadêmica.

A quarta pergunta do nosso questionário solicita um comentário quanto à experiência interdisciplinar do docente, caso ele/ela tenha afirmado na questão anterior que teve pelo menos alguma experiência interdisciplinar em sua formação. Todos manifestaram-se positivamente quanto à experiencição interdisciplinar.

**Informante da Sociologia:** “(...)Do ponto de vista acadêmico, sou a síntese dos saberes e conhecimentos ocidentais e africanos. A minha primeira formação foi feita na RD Congo onde aprendi sobre a Filosofia africana, as Religiões Tradicionais Africanas. A segunda graduação em Teologia, o meu mestrado em Ciências da religião e o doutorado em Sociologia foram feitas no Brasil. Sobretudo na Teologia aprendi a produzir o conhecimento numa perspectiva latino-americana que é muito parecida com a abordagem crítica e descolonial africana. A Teologia da Libertação, a minha presença dentro dos

movimentos negros e Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros me proporcionaram outros modos de produzir o conhecimento.”

**Informante da Antropologia:** “Minha formação inicial em Comércio Exterior foi em uma área diferente da minha pós-graduação em Antropologia, o que me rendeu um modo de olhar o mundo diferenciado e um conhecimento construído de forma inovadora. Ademais, ao longo da pós-graduação, fomos colocados diante de uma literatura diversificada que rendeu elos de inspiração muito ricos.”

**Informante da Literatura:** “Sim. Analisar a representação do espaço, como lugar de Habitar, em um romance. Para tanto, a base teórica era o livro “A natureza do Espaço”, de Milton Santos.”

As questões cinco e seis dizem respeito às vantagens e desvantagens da *especialização dos saberes*, como essa especialização (contraponto da interdisciplinaridade) pode contribuir ao enfrentamento de questões sociais. Com relação à quinta questão, seis dos oito entrevistados acreditam que a especialização dos saberes foi a responsável pelo avanço do conhecimento de uma forma geral, pois proporcionou um maior investimento (estudo) dos problemas.

**Questão 05. Qual a sua opinião acerca da especialização dos saberes? A seu ver, quais foram as vantagens e desvantagens da especialização do conhecimento para as ciências em geral e, em particular, para as ciências humanas?**

**Questão 06. Qual a sua opinião acerca da contribuição da especialização dos saberes no enfrentamento de questões sociais como a fome, o racismo, os conflitos entre nações por territórios, o aquecimento global, o consumismo, entre outros?**

**Informante da Antropologia:** “A especialização dos saberes, a meu ver, tem dois pontos importantes a serem considerados. O primeiro se refere a um investimento maior em torno de determinados problemas com os quais se deparam os pesquisadores/cientistas. Tomando como exemplo, Marcel Mauss, importante percussor da antropologia, eu diria que a sua contribuição só foi possível pela dedicação em torno do comportamento humano

pautado por uma metodologia própria da antropologia. Em segundo lugar, a reunião de profissionais em torno de teorias e metodologias comuns facilita o diálogo e a construção de campos políticos que fortalecem a profissão e as propostas teóricas a ela subjacentes. Vide, por exemplo, o campo de antropologia brasileiro na atualidade, de extrema relevância para a transformação de modos de pensar o Brasil e o mundo e o fortalecimento de grupos sociais que sempre estiveram à margem da sociedade.”

Dois entrevistados defendem que a especialização foi importante em outra época cultural, mas, nos dias de hoje, é a interdisciplinaridade o método que melhor dá conta do enfrentamento dos problemas sociais.

**Informante da Literatura:** “A especialização dos saberes aconteceu durante o Século XIX, em decorrência da Revolução Industrial. Essa forma de aprender já está superada, entre outros fatores, pela Globalização.”

**Informante da História:** “Vejo a especialização como algo positivo, quando realizada no momento certo. Por ter tido uma formação rigorosamente disciplinar tive dificuldades de desenvolver uma compreensão mais ampla da área de humanidades. Hoje defendo que a formação de base (graduação) ocorra numa perspectiva interdisciplinar e que a especialização dentro de um campo específico ocorra apenas na pós-graduação. Compreendo que desta forma formar-se-á um profissional mais propenso ao diálogo e com uma visão mais ampla do seu papel profissional dentro da área de humanidades.”

No que se refere à questão sete, que versa sobre a relevância da interdisciplinaridade na formação de profissionais que atuarão no contexto atual da globalização, há repostas bem divergentes: que vão desde um “ainda não pensei sobre isso” até um “é fundamental”.

O representante da Linguística declarou nunca ter pensado sobre isso; e os representantes das áreas de Sociologia, Filosofia, Pedagogia, Língua Inglesa, Literatura e Antropologia consideram que a interdisciplinaridade é de grande relevância na formação de profissionais que atuarão no contexto da globalização. O representante da área de Antropologia, apesar de considerar que a formação interdisciplinar assegura uma visão mais ampla, sugeriu uma pesquisa para que se pudesse avaliar melhor o desempenho de

profissionais de formação inter e disciplinar, evidenciando, assim, não estar bem certo quando a essa correlação entre “formação interdisciplinar” e “melhor atuação no mercado de trabalho em mundo globalizado”.

**Informante da Antropologia:** “Como já referido acima, a interdisciplinaridade permite uma linguagem mais ampla a ser utilizada pelo futuro profissional, o que o coloca em uma posição de destaque face a outros profissionais formados em uma base especializada. Sendo a interdisciplinaridade uma formação baseada na pluralidade, e considerando as dinâmicas sociais da globalização marcadas também por múltiplos olhares e pautas, considero que a formação humanista mais ampla tem muitas vantagens. Por outro lado, defendo a antropologia como uma área do saber cuja metodologia também permite a interação com a pluralidade de forma eficaz. Talvez, uma pesquisa comparativa que permitisse considerar os sucessos e fracassos de profissionais com ambas as formações (interdisciplinar e antropologia) diante dos espaços globalizados permitisse um conhecimento maior sobre a questão, para além das hipóteses levantadas acima.”

No que se refere à questão oito, que versa sobre a formação interdisciplinar que está sendo propiciada pelo BHU, quatro dos oito docentes entrevistados afirmaram que o BHU é um curso muito novo e que ainda precisa amadurecer para que se possa haver prática interdisciplinar, destacaram haver falta de diálogo, falta de comprometimento por parte de alguns docentes, falta de planejamento, descuido na escolha do corpo docente (primar pela escolha de docentes que venham de uma formação interdisciplinar). Esses foram alguns dos motivos enumerados pelos docentes que acreditam justificar a não formação interdisciplinar no BHU, como podemos ver na fala do representante da sociologia, transcrita abaixo.

Aqui destacamos que não tomamos partido quanto aos comentários realizados por docentes quanto aos gestores da UNILAB, não é esse o ponto de nosso trabalho. Cada um é livre para expressar-se; toda palavra dita recai sobre seus autores, cabendo-lhes a eles a responsabilidade por suas declarações. Neste trabalho, apenas reproduzimos respostas concedidas e as analisamos quanto à nossa temática de investigação: a interdisciplinaridade.

Para o **Informante de Sociologia**: “As fraquezas do BHU da UNILAB encontram-se na falta de seriedade dos gestores da nossa Universidade. Quando se analisa as Diretrizes da UNILAB, percebe-se a existência de um projeto político curricular interdisciplinar. A UNILAB faz parte das novas universidades pensadas e criadas pelo governo do PT, o MEC para introduzir os novos cursos de Bacharelados e Licenciaturas Interdisciplinares. A ideia é genial e revolucionária. Diga-se de passagem que não são os políticos do PT que trouxeram essas novas ideias sobre a interdisciplinaridade, mas os intelectuais preocupados com os rumos do planeta, da humanidade, da sociedade e das universidades. O nosso problema, na atualidade, encontra-se na implementação de currículos interdisciplinares para todos os cursos da UNILAB. Existe um debate entre quase todos os cursos de voltar para os modelos disciplinares. Isso acontece porque na contratação de professores, não se cuida a questão crucial de se aproveitar de profissionais com qualificação interdisciplinar ou pelo menos aberto a interdisciplinaridade e interculturalidade. Isso deve ser um dos critérios principais para os concursos de docentes e TAEs na Unilab, do meu ponto de vista.

Para me focar no BHU, quando nós chegamos, encontramos um PPC que parecia coxa de retalhos com forte concentração para História e uma História economicista. Havia até nomes estranhos e alguns continuam. Houve uma tentativa de reformular esse currículo e fiz parte disso. Só que algumas mudanças que sugerimos, uma pessoa de PROGRAD (não quer citar nomes) mudou sem consultar o Núcleo Estruturante – eu era um convidado deste núcleo. Outro argumento que os que estão na direção do curso avançavam é que não se poderia mudar muitos componentes curriculares, pois o MEC não ia aceitar. Não tivemos uma oportunidade para debater o nosso PPC coletivamente.

Por isso, falei de falta de seriedade da gestão e digo da antiga e da atual gestão. Todos estão preocupados em fazer a política do PT (e poderia ser qualquer ou partido; e deixo claro que tenho afinidade política com este partido) e esquecem do que é mais importante. Nunca entendi por que o curso de Letras não entra no BHU. Letras não são Humanidades? A falta de seriedade significa falta de planejamento. Aliás, houve no início, mas o que houve é que muitas pessoas competentes e críticos da primeira turma foram convidados a se retirar ou se criou mecanismos para não aproveitar de seus talentos. Na segunda gestão da UNILAB, não temos nem sinal de um debate interno para nos pensar como uma Universidade pensada a partir da interdisciplinaridade. Ninguém se preocupa com isso! No BHU não há nenhum sinal para essa aventura, uma vez que a sua autonomia se

confunde com a do Curso de Letras e todo comando vem da Diretoria do Instituto. O que estou querendo dizer é que faltam espaços para debatermos a interdisciplinaridade que deve estruturar o BHU e nossas Licenciaturas.

O meu ponto de vista é que a gestão, reitoria, pró-reitorias, diretorias e coordenações são responsáveis para criar canais de diálogos que permitam que todos cursos da Unilab estruturam-se a partir da interdisciplinaridade e ademais os cursos de Letras, BHU e as futuras Licenciaturas da Unilab possam retomar suas vocações da interdisciplinaridade. O que me parece é que estamos no caminho errado.

Agora, existe uma parcela de professores que pautam suas práticas de ensino dentro da interdisciplinaridade. Alguns por medo ou outros motivos não exigem o debate sobre isso. Acho que a Unilab deve implementar um Congresso bienal de Interdisciplinaridade e cada Instituto deve realizar anualmente um congresso também.

Não tenho a certeza se nossos alunos do BHU serão profissionais interdisciplinares. Basta-me evocar o exemplo das orientações de TCCs. O que se vê é uma inclinação para pesquisa disciplinar. Cada professor está orientando seus alunos a partir dos temas e disciplinas de suas especializações. O que é que vai acontecer? O nome do curso é o BHU com vocação interdisciplinar, mas corremos o risco de formar historiadores, sociólogos, antropólogos do BHU da UNILAB. O que é uma contradição. Pessoalmente, procuro fugir deste caminho e sociologia que é a minha última formação é somente um ponto de partida para a produção de conhecimentos científicos a partir de temas e objetos/sujeitos de análise. Motivo meus alunos para isso também.”

Somente um entrevistado respondeu à segunda parte da questão oito, que diz respeito ao que os docentes têm feito para aprimorar o caráter interdisciplinar do curso. Transcrevemos a resposta abaixo.

**Informante da Literatura:** “Atualmente, estou trabalhando em um projeto que foi aprovado pela CaPES, o Prodocência – “Saberes Interdisciplinares e Interculturais na UNILAB”, que visa a discutir práticas de formação docente, a ponto de propor, posteriormente, uma Metodologia do Ensino Interdisciplinar. É um projeto bastante desafiador, mas, oferece atividades (oficinas com esse enfoque) que dão respaldo à proposta, estando de acordo com o perfil da UNILAB.” (Esta resposta foi escrita na



resposta da pergunta nove, mas consideramos que seja um exemplo de prática interdisciplinar dentro do corpo).

Quanto à última questão do questionário, que versa sobre os desafios de lecionar em um curso de caráter interdisciplinar como o BHU, as repostas dos docentes destacaram: Superar a própria formação disciplinar; superar o “academicismo” da própria universidade; dialogar com os profissionais das diversas áreas; promover a interdisciplinaridade no cotidiano; saber integrar conhecimento sem perder o foco; dialogar com as diversas áreas do conhecimento respeitando os limites de cada uma; atualizar-se em novos temas e debates que vão surgindo; ter humildade e interesse em praticar a interdisciplinaridade; interculturalidade e internacionalidade.

Destacamos, abaixo, algumas respostas que, a nosso ver, refletem um corpo docente preocupado em superar seus próprios limites, para colocar a interdisciplinaridade em prática.

**Informante da Filosofia:** “Mais e maiores desafios, tais como, a superação da formação disciplinar, a superação do academicismo institucional da universidade, a interculturalidade do contexto diversificado entre outros.”

**Informante da História:** “Para mim o grande desafio é superar os limites da minha própria formação, feita dentro de uma perspectiva exclusivamente disciplinar.”

**Informante da Linguística:** “Um dos desafios, para mim, tomando como ponto de partida os componentes que costumava lecionar, diz respeito à seleção de leituras sobre diferentes áreas do saber. Outro concerne ao domínio, ainda que mínimo, de conteúdos das outras áreas, o que é necessário para avaliar com competência os textos produzidos pelos alunos.”

Esses foram alguns dos desafios enumerados pelos docentes do BHU para lecionar em uma proposta interdisciplinar. Em seguida, daremos voz aos discentes, a fim de compreender como eles têm visto a prática interdisciplinar no Bacharelado em Humanidades.

## **4.2 Resultados dos questionários aplicados aos discentes do BHU**

Neste subtópico, apresentaremos brevemente algumas das respostas do questionário aplicado aos discentes do BHU, pretendendo dar um panorama geral do que esses discentes entendem do conceito interdisciplinar e como vêm a prática interdisciplinar dentro do BHU.

Ao analisar as respostas do questionário aplicado aos discentes do BHU, percebemos que aparentemente todos mostraram entender o que significa “formação interdisciplinar”, pergunta 1 do questionário:

**Discente 1:** “Para mim formação interdisciplinar é preparar um aluno amplamente e levá-lo a dominar várias áreas do saber (...)”

**Discente 5:** “A meu ver o conceito de interdisciplinaridade não é nada “novo”, os gregos já exerciam esse tipo de pensamento, os sábios orientais, a cultura egípcia, enfim, uma infinidade de culturas antigas valorizavam o conhecimento em sua completude. Foi a partir da revolução francesa e, sobretudo do renascimento e do iluminismo, que os saberes passaram a ser deslocados e fragmentados. O pensamento positivista do século XIX veio reforçar essa condição, inserindo as chamadas Ciências Sociais em uma categoria epistemológica a parte, “tirando-a” do pensamento filosófico. No que tange ao quesito “formação interdisciplinar” entendo que essas categorias que foram deslocadas e fragmentadas devem ser reunificadas, primeiramente pela criação de uma metadisciplina, elencando os pontos de convergência entre estas e as outras.”

Porém, quanto aos aspectos positivos e negativos, percebemos algumas contradições, o mesmo discente que parece entender o que é interdisciplinaridade, diz que um dos pontos negativos da formação interdisciplinar é que os alunos ficam “pendurados entre várias disciplinas.”

Quase todos concordam que um dos pontos positivos da formação interdisciplinar é que esta permite uma visão mais ampla do mundo e que a formação interdisciplinar é

fundamental para o contexto atual da globalização, no entanto alguns discentes acreditam que o pouco tempo e a falta de metodologia são responsáveis pela ineficácia da proposta interdisciplinar dentro do BHU.

**Discente 5:** “Não vejo aspectos negativos no sentido pragmático da palavra, vejo apenas métodos ineficazes, se esta formação é exercida calcada em fundamentos puramente europeus, ou seja, se se deixam de lado outras culturas o conhecimento continuará deslocado, desta forma, compreendo que seja necessário primeiramente a inserção da diversidade cultural na epistemologia, perpassando primeiramente pelos estudos culturais, essa ao meu ver é uma saída para não cair-se novamente em um discurso cientificista, retrógrado e estanque por natureza.”

Quanto ao porquê de terem escolhido o BHU, três dos oito discentes entrevistados disseram ter escolhido cursar o BHU pela proposta interdisciplinar, com o intuito de ampliar suas visões em diversas áreas do conhecimento; um entrevistado não soube responder a questão; outro escolheu o curso por ser noturno; outro por não saber que área queria fazer; outro por ser um curso de pouca duração.

**Discente 6:** “Escolhi o BHU porque ele é um curso pequeno e tem uma continuação que vai me beneficiar que é a pedagogia, mas se pudesse mudar de curso seria especificamente para pedagogia, a universidade não me importa mas contanto que ela seja gratuita.”

É interessante perceber que o mesmo discente (discente 6) que escolheu o curso pela pouca duração acredita que a interdisciplinaridade não o favorece.

**Discente 6:** “Meu raciocínio é muito lento, mas busco entender o que vai me beneficia para seguir o meu caminho que é a pedagogia, as outras disciplinas que o curso oferece faço só o possível para passar. Assim entendendo que a complexidade do BHU não me é favorável.”

Acreditamos que essa opinião da discente 6 reflete parte da opinião dos discentes do Bacharelado. A falta de compreensão da proposta interdisciplinar por parte dessa discente faz a proposta parecer irrelevante para sua formação acadêmica.

Dois dos discentes entrevistados pretendem seguir a carreira acadêmica e fazer mestrado e os outros manifestaram interesse em prosseguir os estudos e fazer uma das licenciaturas da especialização (Pedagogia, História e Sociologia), ninguém manifestou interesse na área de Antropologia. No que diz respeito a como se caracteriza o profissional do BHU, quase todos os discentes concordaram que o profissional que faz o BHU tem um conhecimento razoável das diversas áreas; um discente manifestou acreditar que, apesar de os professores do BHU da UNILAB terem uma ótima formação nas suas áreas, não estão preparados para pôr em prática a proposta interdisciplinar do BHU.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho “inicial”, no sentido de que pretendemos avançar nessa pesquisa em outras etapas acadêmicas, nos permitiu, em linhas gerais, já que sabemos que, para ter um panorama mais consistente, teríamos que fazer um estudo mais aprofundando, talvez com uma metodologia quantitativa, perceber que a prática da interdisciplinaridade é um desafio para os docentes do BHU.

Nos relatos dos professores, fica claro que o empecilho maior para a materialização da interdisciplinaridade no BHU é, primeiramente, a *dificuldade em superar a própria formação*, que, como supúnhamos desde o início desta pesquisa, é de caráter disciplinar na maioria dos docentes. Além dessa dificuldade, que se revelou comum a praticamente todos os docentes entrevistados, evidenciou-se uma falta de diálogo entre docentes. Ou seja: embora quase todos os docentes tenham concordado que o diálogo é a chave para a prática interdisciplinar, a *falta de diálogo* foi apontada como uma das principais pedras no caminho da prática interdisciplinar no BHU.

Algo interessante verificado nas respostas dos docentes é que somente um docente respondeu à segunda parte da pergunta oito do questionário, sobre o que cada um individualmente tem feito para colocar em prática a interdisciplinaridade dentro do curso.

Percebe-se um certo receio por parte dos docentes quanto à aplicabilidade da interdisciplinaridade no BHU, existe uma certa distância entre teoria e prática.

Outra crítica recorrente nas respostas dos docentes foi com relação ao “descaso” de alguns docentes com relação a levar a sério essa proposta interdisciplinar do BHU, ou seja, como alerta Fazenda (1979), falta de comprometimento e coragem para sair da “zona de conforto”. Consideramos muito pertinente, a crítica feita por um dos docentes que diz respeito à seleção dos docentes do BHU: Será que ao se fazer essa seleção tem-se primado pela escolha de professores que têm formação interdisciplinar, capazes de dar conta da proposta do curso ou tem-se escolhido excelentes “*experts*”, segundo Japiassu (1976)?

Percebemos, como reflexo da própria dificuldade admitida pelos docentes, que a interdisciplinaridade não é bem entendida pelos alunos que entrevistamos, pois muitas contradições foram percebidas nas respostas, como a confusão entre os conceitos de inter e de transdisciplinaridade. Notamos a inexistência de uma real compreensão do que seja um saber fragmentado, e os discentes não conseguem identificar porque o BHU é um bacharelado diferenciado. Um dos discentes verbalizou que acredita não existirem diferenças reais entre o BHU e outros bacharelados em Ciências Humanas, visto que a interdisciplinaridade do curso não é compreendida pelos discentes. Apenas um dos discentes entrevistados demonstrou ter domínio do conceito de interdisciplinaridade.

Suspeitamos que essa realidade se estende para além dos alunos entrevistados e, por isso, acreditamos que é importante começar a refletir sobre o porquê da interdisciplinaridade e quais são os benefícios reais que essa proposta diferenciada pode trazer para os profissionais do BHU.

Como discente do BHU, acreditamos que incluir uma disciplina obrigatória que fosse voltada para explicar qual a importância da interdisciplinaridade no mundo de hoje, o qual exige dos profissionais um conhecimento cada vez mais amplo da realidade, ou então a promoção de rodas de conversa entre os docentes e discentes, nas quais se pudessem debater propostas de como melhorar a prática interdisciplinar, seriam algumas medidas que ajudariam a superar alguns dos desafios que se tem colocado como empecilhos para a prática interdisciplinar no BHU.

Sabemos que o curso é novo e concordamos com a opinião de alguns docentes entrevistados que afirmaram que o curso precisa de tempo para amadurecer e seus docentes também. Por isso, nossa intenção aqui é levantar questionamentos que possam nos levar a refletir sobre como tem-se dado essa prática interdisciplinar dentro do BHU e o que pode ser melhorado para poder haver um entendimento da proposta no seio dos graduandos do Bacharelado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAZENDA, Ivani C. Abrantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

FAZENDA, Ivani C. Abrantes. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou ideologia*. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (coord.). *Práticas Interdisciplinares na Escola*. 13 ed. rev. e ampl.- São Paulo: Cortez, 2013.

LARA, Isabel Cristina Machado de; BORGES, Regina Maria Rabello. “Mapeamento de dissertações e teses sobre interdisciplinaridade produzidas no Brasil no século XXI”. In: *VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, 2011, Campinas. Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2011.

PINTO, João A. Da Costa. *França: Lutas sociais anticapitalistas de Maio de 1968*. Revista Espaço Acadêmico, n.85, Jun. 2008.

SCHWARTZMAN, Simon. *O sentido da Interdisciplinaridade*. Novos Estudos, n.32, Mar. 1992.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

REDENÇÃO. *Projeto Pedagógico curricular Curso de Bacharelado em Humanidades*, de julho 2013.

REDENÇÃO. RESOLUÇÃO Nº 033/2013, de 11 de dezembro 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Interdisciplinaridade: funcionalidade ou utopia?* Ver. Saúde e Sociedade. São Paulo: v. 3, n. 2, 1994.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, 2011.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

BORGES, Priscilla. *Cresce o número de cursos de graduação e pós interdisciplinares*. ÚLTIMO SEGUNDO, 30 nov. 2010. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/cresce+o+numero+de+cursos+de+graduacao+e+pos+interdisciplinares/n1237844067888.html> Acesso em: 20 jun. 2014.

GLOBO UNIVERSIDADE. Conheça os diferentes bacharelados interdisciplinares existentes no Brasil. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2011/12/conheca-os-diferentes-bacharelados-interdisciplinares-existent-no-brasil.html> Acesso em: 20 jun. 2014.